



HISTÓRIA DOS JOVENS NO BRASIL

HISTORY OF YOUTH IN BRAZIL

Marriete de Sousa Cantalejo 1

Resumo: A presente resenha tem por objetivo analisar a história da construção da categoria juventude desde a época do Brasil Colônia até a contemporaneidade através do livro *História dos Jovens no Brasil*, organizado pela historiadora Mary Del Priore. Com esse objetivo em mente, buscou-se elucidar as ideias principais trazidas ao longo da obra, preservando as abordagens dos autores. O livro em questão retrata de forma fidedigna como foi a construção da categoria juventude ao longo dos anos, suas associações com a educação e em alguns momentos com o trabalho e seu ápice na década de 1960, quando finalmente a juventude foi estabelecida enquanto categoria social, histórica e cultural. Del Priore ao organizar este livro propõe o preenchimento histórico de muitas das lacunas existentes na história da juventude brasileira, através de um esforço coletivo.

Palavras-chave: Juventude. Educação. Trabalho. História.

Abstract: This review aims to analyze the history of the construction of the youth category from the time of Colonial Brazil to the present day through the book *History of Youth in Brazil*, organized by historian Mary Del Priore. With this goal in mind, we sought to elucidate the main ideas throughout the work, preserving the authors approaches. The book in question faithfully portrays how the youth category was constructed over the years, its associations with education and, at times, with work, and its peak in the 1960s, when youth was finally established as a social, historical, and cultural categories. In organizing this book, Del Priore proposes the historical filling of many of the existing gaps in the history of Brazilian youth, through a collective effort.

Keywords: Youth. Education. Work. History.

1 Doutoranda em Educação (pela UFSCAR), Mestre em Educação (pela UNIRIO), Graduada em Pedagogia (pela UERJ). Atualmente é professora na Prefeitura Municipal de São Paulo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8840741483054239>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6805-4105>. Email: marri.cantalejo2@gmail.com



DEL PRIORE, Mary (Org.). **A História dos Jovens no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2022.

O livro **História dos Jovens no Brasil** é um lançamento recente, data do ano de 2022, organizado pela historiadora, escritora e Professora Pós-Doutora Mary Del Priore, que com sua vasta experiência encarregou-se de liderar esta produção de maneira brilhante. A escritora tem profundidade na temática da História do Brasil, possuindo mais de 50 livros publicados e já foi contemplada com mais de vinte prêmios literários nacionais e internacionais, sendo inclusive, eleita em 2021 pela revista **Aventuras na História** a melhor historiadora do Brasil e escritora destaque¹. A obra busca contextualizar e reconstruir com fidedignidade a história da juventude brasileira ao longo dos séculos. Para isso, os autores utilizam fontes históricas que em geral são obtidas através de temas paralelos a juventude, como esporte e música tendo em vista, que por ser uma categoria instituída recentemente – a partir de meados do século XX – ainda possui poucos ou nenhum arquivo disponível. Como exemplo, cito aqui o caso do Repositório do Arquivo Nacional, que em buscas relacionadas a temática juventude não possui dados (Venancio, 2022).

História dos Jovens no Brasil é organizada em quinze capítulos e traz a ideia da construção do que seria o jovem desde o Brasil Colônia / Escravista, passando pelo Brasil Império e República até os dias atuais, de maneira cronológica. A obra aborda as multiplicidades de juventudes e como suas diferentes perspectivas eram vivenciadas de acordo com a época. Portanto, sendo sua leitura de extrema relevância e um diferencial para os pesquisadores que estudam a história da juventude e seus reflexos na sociedade atual.

Na primeira parte que aborda o Brasil Colônia é possível perceber a vivência juvenil dividida entre dois grupos: os jovens não-escravos e os jovens negros em condição de escravidão (Alves, 2022; Freire, 2022). Para os jovens não-escravos a juventude era limitada por meio de controles rígidos e autoritários dos pais, resultando na ausência de escolhas e autonomia sobre as suas vidas, uma vez que a figura paterna exercia o seu pátrio poder ao determinar a escolha das profissões e casamentos (Alves, 2022). Por consequência, as relações entre pais e filhos eram marcadas pela distância e falta de afeto.

Quanto aos ofícios, aos homens jovens o alistamento era a principal condução enquanto o destino das mulheres era limitado ao casamento ou à religião (Alves, 2022). Acerca da educação, a das mulheres era a mais precarizada, só sendo ensinado o necessário através de conteúdos rasos, buscando sempre condicioná-las aos homens, sejam eles pais ou maridos (Alves, 2022; Ribeiro, 2002). Ainda segundo Ribeiro, durante o Brasil Colonial, as mulheres eram denominadas como se integrassem um “*imbecilitus sexus*,” ou seja, um sexo imbecil. Essa visão, além de demonstrar um profundo desrespeito e preconceito, comprova o descaso com a instrução feminina.

No entanto, mesmo com todo o controle e repressão que eram impostos à juventude havia algumas estratégias de resistência. Como exemplo, os homens jovens que não queriam se alistar costumavam fugir, casar ou ainda se mutilarem para não cumprirem com a obrigação. Logo, a juventude era vista como um período de inconstância, rebeldia e insubordinação (Alves, 2022).

Em relação a divisão das fases da vida, como infância e juventude, os significados dessas etapas eram diferentes da atualidade. Acerca do período cronológico a “*mocidade*” se dava para as mulheres não escravas dos 12 aos 20 anos e para os homens não-escravos dos 10 ou 14 até 25 anos (Alves, 2022). No que se refere, a faixa-etária equivalente à juventude escrava, a idade variava entre 14 e 45 anos, duração que era medida pela utilidade da mão-de-obra, ou seja, um escravo ou escrava seria jovem enquanto pudesse ser aproveitado para o árduo trabalho (Freire, 2022).

Em geral, os escravos mais procurados que chegavam ao Brasil através do tráfico negreiro eram do sexo masculino e adolescentes, em sua grande maioria entre 10 e 24 anos. A condição de jovem escravo permaneceu igual, mesmo depois de 1822 quando o país se tornou um Império. Mesmo com a promulgação da Lei Eusébio de Queiroz em 1851 houve a proibição do tráfico de escravos, mas não do comércio interno e o aluguel de escravos (Freire, 2022).

Existem lacunas profundas em relação aos registros históricos da juventude e da infância brasileira, que são apaziguadas através de dados transversais que de alguma forma convergem

¹ Informações sobre a autora extraídas do Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2135122024867878>. Acesso em: 04 nov. 2022.

e possibilitam a explicação de alguns acontecimentos. Tal fato se dá devido a visão da criança/adolescente enquanto um pequeno adulto, sem considerar suas particularidades, dessa forma o foco era o registro dos acontecimentos relacionados a vida adulta e não dos que estavam em outras fases da vida (Freire, 2022). Logo, se o registro da juventude não-escrava, masculina e com bom status econômico é permeado de ausências, temos um lapso mais profundo quando se trata dos jovens negros e das jovens negras.

No final do Brasil Império e início da República o governo incentivou a vinda de imigrantes para o Brasil por conta da proibição do comércio de escravos (Scott; Bassanezi, 2022). A grande maioria dos imigrantes chegados ao Brasil eram jovens, com familiares, de origem humilde e analfabetos que vieram em busca de trabalho e terras (Scott; Bassanezi, 2022). Inicialmente as atividades prevalentes eram de tipo rural para os homens jovens e para as mulheres, que também eram encarregadas das tarefas de casa. A expansão cafeeira estimulou o aumento da urbanização brasileira, além disso, nem todos os jovens conseguiram ser absorvidos pelo setor rural, deste modo, com o aumento da industrialização estimulado pelo setor urbano, crianças e jovens passaram a trabalhar nas fábricas, recebendo metade do salário de um adulto do sexo masculino (Scott; Bassanezi, 2022), lidando com condições de trabalho insalubres e precárias, incluindo jornadas desumanas que variavam entre 10 e 14 horas.

A fábrica durante esse período era tida como uma escola para os jovens e crianças pobres, que possuíam pouquíssimo acesso à educação escolar, a ordem era que os jovens deveriam obedecer e trabalhar (Scott; Bassanezi, 2022). Logo, ao longo da história diversos mecanismos de controle foram utilizados com a intenção de restringir as condutas consideradas subversivas. Mesmo com a proibição do trabalho para adolescentes entre 16 e 25 anos, somente com as Leis do Trabalho de 1943 é que os adolescentes saíram das fábricas (Scott; Bassanezi, 2022).

Enquanto a realidade dos jovens imigrantes era cercada por condições de trabalho que não eram adequadas, o panorama dos jovens ex-escravos e negros não era diferente, sendo por vezes até pior. Com o fim da escravidão em 1888, muitos escravos não tinham condições de sobreviver, sendo submetidos a trabalhos braçais e pesados por baixíssimos salários. Além disso, ações ilegais eram realizadas na intenção de explorar a mão de obra de crianças e adolescentes (Lima, 2022).

A juventude se tornou mais ativa aproximadamente na década de 1930, envolvendo-se em diversas manifestações, inclusive com jovens que estavam no militarismo; sendo estes manifestantes, jovens civis, fruto das escolas militares, que não aceitavam de bom grado as determinações de seus superiores (Rodrigues; Pereira, 2022). Além disso, se formou uma outra vertente juvenil incentivada pelo Partido Comunista Brasileiro, que seguia as orientações da Internacional Comunista (IC), e em paralelo ao crescimento desta juventude se dava a juventude fascista (Ribeiro; Zampa, 2022).

A década de 1960 foi a promotora da consolidação da categoria da juventude brasileira, algo que já vinha sendo construído paulatinamente nas outras décadas (Napolitano, 2022). No cenário externo, se desenvolvia uma juventude que buscava por liberdade, mas que também excluía negros e tinha como primazia o sucesso profissional e o acúmulo de riquezas como sinônimos de felicidade (Napolitano, 2022). Além disso, o mundo recém-saído da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) vivia em um fosso geracional, afinal a maioria dos mortos em campos de batalhas eram jovens. Deste modo, sem uma geração intermediária significativa, houve forte rejeição dos jovens das décadas de 50 e 60 por valores que consideravam ultrapassados por serem trazidos pelos mais velhos, como a guerra, o fascismo e a xenofobia (Napolitano, 2022). Um fator que favoreceu a união dos jovens brasileiros foi que a educação entre nas décadas anteriores havia sido passada para escolas e universidades, e como os estudantes eram divididos por faixa-etária acabaram desenvolvendo juntos uma consciência crítica e questionadora de seu tempo (Setemby; Mesquita, 2022). A constituição da juventude em países em desenvolvimento como o Brasil se deu maneira diferente dos países desenvolvidos, principalmente tendo em vista que estes países estavam em sua maioria lutando por democracia e os países desenvolvidos tinham lutas voltadas para a cultura. No caso brasileiro, com a instauração da ditadura em 1964, Napolitano (2022, p. 309) acrescenta que:

Em grande parte, o que se entende por “juventude” dos anos 1960, o momento histórico crucial para a consolidação dessa categoria, será o encontro de todas estas vertentes

que estavam sendo gestadas na década anterior: rebeldia adolescente, busca de prazer sensorial, crítica ao establishment (sociedade estabelecida pela tradição e pelas instituições), novas formas de relações sociais e afetivas, novas formas de expressão artística. A todos esses elementos, a década de 1960 acrescentou mais um: a rebeldia de caráter político, levada a cabo principalmente pela juventude estudantil universitária, contra as injustiças do mundo, o racismo, o colonialismo e a guerra.

A disputa entre os movimentos musicais da época como Jovem Guarda, Música Popular Brasileira, Tropicália, entre outros ia além das oposições políticas de direita ou esquerda e tinham a real intenção de estabelecer o que de fato seria a categoria juventude (Napolitano, 2022). Neste período, a juventude passou a ter um destaque no mercado do consumo, um nicho a ser explorado, assim se estabelecendo enquanto categoria social e de forte comercialização (Napolitano, 2022). Com a instauração da ditadura de 1964, grande parcela dos vitimados eram jovens de esquerda, sofrendo perseguição, tortura e até morte (Setemby; Mesquita, 2022). Ao longo da década, temas considerados tabu ou mesmo proibidos, foram discutidos intensamente. Além disso, de acordo com Setemby e Mesquita (2022, p. 392): “[...] ‘Ser jovem’ foi a grande invenção dessa geração”. Nos anos 70 houve a consolidação do “ser jovem”, como estilo de vida e não mais como uma ameaça. Em 1980, com a entrada nas universidades de jovens pertencentes a classes socioeconômicas mais baixas, houve uma ressignificação do ideal de uma juventude de esquerda, buscando um viés mais democrático, intelectual e menos radical (Napolitano, 2022).

Uma expressão cultural que ganhou destaque nos anos 80 foi o movimento punk, que trouxe a ideia da tribalização, que até então não havia entrado em cena e foi uma ação de jovens em sua maioria negros de periferia (Napolitano, 2022). Por não se associar as correntes nem de esquerda, associadas as ideias nacionalistas, nem de direita, que pregavam a inexistência do racismo, o movimento foi duramente reprimido e novamente a juventude negra acabava sendo posta a margem na história brasileira por não ceder as tentativas de seu constante silenciamento e exclusão (Napolitano, 2022).

Na tentativa de conter a juventude, conforme citado anteriormente, se fazia uso de mecanismos disciplinadores, alguns materializados nas escolas e no trabalho e outros ligados ao lazer, como o esporte (Melo, 2022). Através dos esportes os jovens tinham modelos de sua faixa etária para se inspirarem, ao contrário de outras esferas nas quais os destaques eram focados na maturidade e na velhice (Melo, 2022). Diversos governos incentivaram a prática de esportes para a juventude, através de políticas públicas voltadas para o futebol, por exemplo (Melo, 2022). Além do futebol, alguns esportes que representam juventudes em diversas épocas são o surfe e o skate.

Em relação a juventude afro-brasileira, não existem registros acerca do início de sua escolarização, considerando que viveram na condição de escravos por séculos e mesmo quando a escravidão foi abolida tiveram uma inserção extremamente precária no mercado de trabalho (Costa, 2022). Hoje na intenção de reparar tamanha desigualdade e inserir o jovem negro de forma que consiga ascender na sociedade, existem políticas públicas e ações afirmativas, mas ainda assim é alto o índice de jovens periféricos que abandonam os estudos para entrarem no mercado de trabalho (Costa, 2022), afinal a lógica da discriminação não é compartimentada em setores, mas sim associada a marcadores analíticos como raça, classe e gênero (Simões, 2014).

Além da juventude afro-brasileira, um outro segmento juvenil que busca ressignificar sua história e protagonismo, é a juventude homossexual. Historicamente havia uma ausência de registros de referências reais para este público, uma vez que as que existiam eram caricatas, uma situação que parece estar em processo de mudança (Mott, 2022). Entretanto, mesmo com algumas conquistas alcançadas, as exigências são altas para os jovens homossexuais, por conta disso no intuito de serem aceitos socialmente buscam ser os melhores no desenvolvimento das profissões e estudos, gerando uma espécie de compensação (Mott, 2022).

Os diversos autores reunidos em **História dos Jovens no Brasil** reafirmam que a definição da categoria juventude, não se resume a uma questão etária, mas sim a uma construção histórica, social e cultural que expressa como as sociedades se veem nas mais variadas épocas considerando

características, como momento de transição e escolhas, categoria intermediária entre a infância e a vida adulta, acesso a informações rápidas e construção da identidade (Costa, 2022). Dessa forma, a juventude não é concebida para todos da mesma forma. Diferentes recortes como classe, gênero e etnia, influenciam os modos de ser jovem (Dayrell, 2007). Os jovens de setores econômicos altos, por exemplo, conseguem postergar seu ingresso e responsabilidades da vida adulta (Margulis; Urresti, 1996), enquanto essa realidade não é a mesma para os de setores populares. Logo, não é possível definir a existência de uma única juventude, mas sim que os jovens brasileiros ao longo da história e atualmente produzem juventudes com características diversas através de grupamentos coletivos.

Referências

ALVES, João Eudes do Nascimento. Juventudes no Brasil colonial: tensões e resistências. *In*: DEL PRIORE, Mary (Org.). **A História dos Jovens no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2022.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2020.

FREIRE, Jonis. Jovens e escravidões no Brasil. *In*: DEL PRIORE, Mary (Org.). **A História dos Jovens no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2022.

LIMA, Savio Queiroz. Histórias em quadrinhos e juventude. *In*: DEL PRIORE, Mary (Org.). **A História dos Jovens no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2022.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MELO, Victor de Andrade. Esporte: coisa de mocidade, coisa de juventude. *In*: DEL PRIORE, Mary (Org.). **A História dos Jovens no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2022.

MOTT, Luiz. Jovens homossexuais: a homofobia estrutural na biografia de três jovens gays contemporâneos. *In*: DEL PRIORE, Mary (Org.). **A História dos Jovens no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2022.

NAPOLITANO, Marcos. Juventude e Música. *In*: DEL PRIORE, Mary (Org.). **A História dos Jovens no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2022.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres Educadas na Colônia. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 Anos de Educação no Brasil**. 2.ed. Minas Gerais: Editora Autêntica, 2002.

RIBEIRO, Jayme Fernandes; ZAMPA, Vivian. Juventude comunista: o proletariado do amanhã (1927-1947). *In*: DEL PRIORE, Mary (Org.). **A História dos Jovens no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2022.

RODRIGUES, Fernando da Silva; PEREIRA, Fabio da Silva. História da juventude militar brasileira: a longa permanência das tensões entre o “ser adulto” e “ser jovem” dos alunos dos cursos de formação de oficiais do Exército brasileiro (1890- 1970). *In*: DEL PRIORE, Mary (Org.). **A História dos Jovens no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2022.

SETEMBY, Adrianna; MESQUITA, Cláudia. Juventude e rebeldia: notas sobre a geração brasileira de 1968. *In*: DEL PRIORE, Mary (Org.). **A História dos Jovens no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2022.

SIMÕES, Júlio Assis. Diferença e desigualdade em pesquisas sobre sexualidade e gênero: questões para discussão a partir do marco das “interseccionalidades.” *In: Reunião Brasileira de Antropologia- RBA- Diálogos Antropológicos Expandindo Fronteiras- Comunicações Coordenadas*, 29ª, 2014, Natal, **Anais Eletrônicos** [...], Natal: UFRN, 2014, p. 1-8. Disponível em: [1401983735_ARQUIVO_Diferencaedesigualdadeempesquisassobresexualidadeegenero.pdf \(abant.org.br\)](https://abant.org.br/Arquivos/Diferencaedesigualdadeempesquisassobresexualidadeegenero.pdf). Acesso em: 04 nov. 2022.

SCOTT, Ana Silvia Volpi; BASSANEZI, Maria Sílvia C. B. Jovens imigrantes e jovens descendentes: presença, trajetórias e vivências no Brasil (século XIX- século XXI). *In: DEL PRIORE, Mary (Org.). A História dos Jovens no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2022.

VENANCIO, Renato. Jovens no arquivo. *In: DEL PRIORE, Mary (Org.). A História dos Jovens no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2022.

Recebido em 17 de julho de 2023.
Aceito em 30 de outubro de 2023.

